

Jornal de Estudos Psicológicos

Ciência, Filosofia e Religião

Deus, Fonte Infinita do Amor e do Bem

Muitas são as maneiras de se entender o sentido da palavra Deus e de com ela se relacionar. Há vários entendimentos a respeito do seu significado, bem como são diversas as maneiras de se lidar com a religiosidade a ela associada. Alguns afirmam que está associado a alguma marca psíquica inerente à essência do Espírito; outros de que se trata de algo externo e

a hipótese de que se trata de algo psicologicamente necessário para o equilíbrio psíquico, ou, no mínimo importante para a manutenção suportável da dinâmica da mente.

Ao se estabelecer que Deus é o supremo bem e também o amor elevado ao máximo, considera-se que tais atributos humanos em grau diferente no Criador, afiança-lhe uma diferença meramente quantita-

equilíbrio psíquico, além de dar vazão ao impulso inato provocado inconscientemente.

Quando a questão penetra no domínio da fé, a subjetividade comanda a compreensão, provocando considerações de difícil explicação racional. Há, porém, um fenômeno de incontestável valor psicológico e de ampliação da Consciência que favorece a leveza da vida e a compreensão de seu sentido e significado, cuja ocorrência é surpreendentemente inusitada. Tal fenômeno é quando a pessoa passa a sentir Deus, estabelecendo um contínuo e profícuo diálogo interior que surge misteriosamente sem que decorra de qualquer experiência instantânea, *numinosa* ou transcendente. Independentemente de todas as considerações filosóficas, teológicas ou metafísicas, o sentimento de profunda conexão com Deus permite que o Espírito sempre atue com amor e em favor do bem. Para que tal experiência ocorra, conduzida unilateralmente pelo Criador, exige que o Espírito esteja contribuindo para a manutenção do fluxo permanente do amor e do bem que emana da fonte da Vida.



independente de tudo que existe como criação; há também os que dizem que se trata de um benfeitor absoluto e pronto a socorrer os necessitados mediante o cumprimento de algumas exigências; por outro lado, há os que consideram que se refere a um conjunto de divindades representativas das forças da Natureza; e, no campo pessoal, há os que estabelecem uma relação psicológica como quem lida com um ente íntimo e permanentemente disponível.

O fato é que há que diferenciar aquilo que deve ser considerado o Criador da ideia que cada ser humano faz a respeito deste mesmo Ente Absoluto. A consideração de que Deus, o Criador, possui adjetivos qualificativos humanos favorece

tiva, sugerindo uma hierarquia como também uma filiação que os une. Esta consideração favorece uma possível solidão existencial, consequência da condição de individualidade intrínseca ao Espírito. A crença ou a descrença em Deus não é suficiente para atestar ou não Sua existência, visto que daria ao objeto o poder de geração, tornando-se um paradoxo. Trata-se de algo fora da condição humana, porém com algum tipo de conexão que independe de formas ou considerações cognitivas. Os rituais, as manifestações culturais e a religiosidade, bem como tudo quanto se diz ou se pratica em nome de Deus, devem ser considerados como representações do que se passa na mente humana visando restabelecer seu

Adenauer Novaes

Psicólogo Clínico



Fé Inabalável

É muito citada a entrevista concedida por Carl Gustav Jung ao programa "Face to Face", especialmente no momento em que o repórter pergunta se ele acredita em Deus. Jung assevera: "Eu sei. Eu não preciso acreditar. Eu sei!" É que ele avaliava ser muito superficial dizer-se vinculado a um credo religioso sem que se tivesse uma "experiência pessoal" com Deus. E esse era um dos motivos que o fazia criticar a postura dos religio-

capricho dos desejos e falsas necessidades impostas pelo ego.

Kardec foi extremamente feliz quando, em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, estabeleceu: "Fé inabalável só o é a que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade." Isso não quer dizer que a fé se limite ao âmbito da razão. Ela deve ser expressão de todo o ser, porquanto somente quando vivida na inteireza das nossas possibilidades poderá ser inaba-



lável. Deve envolver todo o nosso sentimento, nossa capacidade intuitiva, nosso vínculo mais profundo com a vida e o Universo. E isso somente será possível quando estivermos integrados com a nossa essência. Então, sentiremos Deus tão próximo e presente que nenhuma circunstância externa conseguirá fazer com que a fé sofra algum abalo.

lável. Deve envolver todo o nosso sentimento, nossa capacidade intuitiva, nosso vínculo mais profundo com a vida e o Universo. E isso somente será possível quando estivermos integrados com a nossa essência. Então, sentiremos Deus tão próximo e presente que nenhuma circunstância externa conseguirá fazer com que a fé sofra algum abalo.

Mas será que "sabemos" Deus? Será que a nossa fé é "inabalável", independente das circunstâncias externas, ou ainda nos debatemos de acordo com aquilo que a vida nos traz de retorno? É comum observar-se que mesmo aqueles que dizem ser pessoas de fé sofrem muito quando enfrentam crises e desafios, chegando a questionar, a se desesperar e até mesmo a duvidar de que estão sob a tutela de forças divinas. Afinal, reclama-se: "se me dedico tanto, vou ao templo religioso, quando necessito, no mínimo tenho que receber alguma atenção." Sem que se deem conta, os que assim se comportam demonstram que sua fé está condicionada aos retornos que recebem, e não ao vínculo em si com as forças transcendentes, que não estão ao

Esperança no Recomeço

O que é recomeçar? Para que recomeçar? Quantos dias são vividos com a esperança de um amanhã melhor? A vida, na sua rotina diária, não é um constante reinício?

Criamos expectativas, esperanças e sonhos na chegada do novo ano. Não percebemos que, para termos uma vida nova, não precisamos do início de mais um ano. Quando desfocado da essência da vida, o tempo de reflexão é adiado.

As mudanças podem ser vividas em qualquer momento, pois não é o ano novo que faz as mudanças acontecerem, mas nossas novas escolhas interiores: pensamentos, determinação, vontade direcionada.

Cada instante do viver pode ser um recomeço na vida. Recomeço com esperança, confiança e ação. O reinício diário, um recomeço diário. O começo do recomeço na manhã. A nova oportunidade, agora.

A razão para recomeçar está na simplicidade do viver. Para que lembrar, relembrar o que perturbou sua paz interior? Por que não escolher a vivência do dever, resultando em harmonia íntima? A verdadeira esperança é uma qualidade, uma determinação da alma.

A vida não é um acaso. O reinício não é uma circunstância. Felicidade não é ter coisas nem pessoas, é um estado de lucidez interior em constante atualização no amor do Criador. A humildade possibilita investir no seu recomeço.

Sendo assim, como escolha individual e responsável, recomeçar é acreditar que a vida se renova em nossos pensamentos, sentimentos e atitudes, diariamente, no fazer e refazer de nossa conduta.

Cláudio Sinoti

Terapeuta Junguiano



Evanise M Zwirtes

Psicoterapeuta Transpessoal

Expediente

Jornalista

Katia Fabiana Fernandes - nº 2264

Edição

Evanise M Zwirtes

Colaboração

Maria Angélica de Mattos - Revisora
Daniela Righi - Tradução Inglês
Tanya Moore - Revisão Inglês
Karen Dittrich - Tradução Alemão
Hannelore P. Ribeiro - Tradução Alemão
Maria M Bonsaver - Tradução Espanhol
Lenéa Bonsaver - Tradução Espanhol
Angela Rodríguez - Revisão Espanhol
Nicola P. Colameo - Tradução Italiano
Sophie Giusti - Tradução Francês

Reportagem

Adenauer Novaes
Cláudio Sinoti
Evanise M Zwirtes
Davidson Lemela
Iris Sinoti
Sonia Theodoro da Silva

Design Gráfico

Evanise M Zwirtes

Impressão

Tiragem:
1500 exemplares - Português
1000 exemplares - Inglês

Reuniões de Estudos (Em Português)

Domingos: 05.45pm - 09.00pm
Segundas: 07.00pm - 09.00pm
Quartas: 07.00pm - 09.30pm
Sábados: 06.30pm - 08.00pm

Reunião de Estudo (Em Inglês)

Quartas: 05.20pm - 06.20pm

Reunião Mediúnic (Privada)

Quintas: 09.00am - 10.30am

BISHOP CREIGHTON HOUSE
378, Lillie Road - SW6 7PH - London
Informações: 0207 371 1730
E-mail: spiritistps@gmail.com
www.spiritistps.org
Registered Charity Nº 1137238
Registered Company Nº 07280490

A Nova Era

Uma "revolução espiritual" jamais vista se opera em nossa casa planetária. Suas consequências se estendem por todos os planos do conhecimento humano e são mapeadas desde os primórdios da humanidade, portanto, hoje, nada pode obstar sua marcha.

O apóstolo Pedro, na segunda carta

, falando sobre a Nova Era, repete o Salmo 93 afirmando que "mil anos para o Senhor, é como um dia para vós". Se um dia são mil anos, quanto será uma semana? Sete mil anos?

Esse ciclo evolutivo se opera num processo que congrega, além de trabalhadores especializados dos dois planos da vida, seres de outros orbes distantes, presentes entre nós desde recuadas eras.

Quando Emmanuel chama os espíritos exilados para a terra de Raça Adâmica, ele se reporta a uma época relativa à 4000 a.C., quando começou o ciclo que compreende a última semana do Mundo de Expição e Provas. Sexto dia.

Ismael, antes da Codificação em 1857, reúne espíritos categorizados que cooperam com ele e declara: Para o advento do Consolador, serão 100 anos preparatórios e outros 100 de sedimentação. Emmanuel prevê que os primeiros albores da Nova Era serão vistos por volta de 2057.

Se um dia são 1000 anos, quantos anos será 1 hora? 42 anos. Se o deadline será em 2057, menos 42 anos, é igual a 2015.

Caro leitor, bem-vindo, pois somos os trabalhadores da última hora da Nova Era.

Davidson Lemela

Neuropsicólogo

Cooperação, a Movimentação do Amor

Quando Charles Darwin apresentou a Teoria da Evolução em *A origem das espécies*, muitos acreditaram que se tornar "o mais forte" seria a garantia para a sobrevivência e continuidade no processo evolutivo. No entanto, como bem apresenta Matthieu Ricard (*A Revolução do Altruísmo*), essa interpretação é

torna-se essencial na convivência humana, não sendo à toa que os Espíritos ensinaram que *Fora da Caridade não há salvação*. Nesse princípio, encontramos a cooperação como base. Ela se inicia quando estou atento ao outro, percebo suas necessidades e, através da empatia, estabeleço uma ponte na qual o



limitada, pois deixa de lado uma importante observação de Darwin, que reconhece no homem "*instintos de simpatia e de benevolência por seus semelhantes*", e que se "*não possuísse semelhantes sentimentos seria um monstro.*"

É que o ser humano, na condição social que lhe é intrínseca, necessita do outro para que o seu processo de individuação seja pleno, sendo parte importante dessa jornada aprender a se relacionar. Mesmo que alguém deseje viver isoladamente, separado de tudo e de todos, caso obtenha êxito em seu intuito, isso somente terá sido possível porque outros, ou mesmo as forças da natureza, propiciaram condições para tal... e temos sempre que recordar que a própria vida física precisa de outros seres vivos para acontecer, mesmo que haja, para isso, manipulação genética.

Por conta disso, a cooperação

trânsito entre o eu e o outro não cria resistências e um estado de competitividade, sempre tão destrutivos, mas se estabelecem laços saudáveis nos quais o auxílio mútuo propicia crescimento para todas as partes.

Como muito bem observa o psicólogo Roberto Crema: "*Ninguém transforma ninguém; ninguém se transforma sozinho: nos transformamos nos encontros.*" E que nesses encontros possamos cooperar uns com os outros. Nesses tempos em que o individualismo ganha proporções doentias, coloquemos como meta essa atitude, construindo pontes no lugar de muros, pois somente assim venceremos o egoísmo, a caminho do ser pleno que todos nascemos para ser.

Iris Sinoti

Terapeuta Junguiana



Vida é o Amor Existencial

Qual o sentido da vida? Os filósofos da antiguidade grega já se perguntavam e buscavam respostas em meio ao desconhecimento dos fatores geradores da própria existência material. Posteriormente, com Sócrates, o foco foi direcionado para o ser humano – quem era o homem? Como ele pensava? Como ele deduzia das coisas que o cercavam a possível existência de um deus ou deuses “provocadores” dos fenômenos e que interferiam na continuidade da vida? E porque isso acontecia?

Em seus capítulos iniciais, o livro *O Céu e o Inferno* de Allan Kardec reflete sobre o sentido do existir, lembrando René Descartes e William Shakespeare. Quanto ao primeiro, Kardec deduz que se vivemos, pensamos e agimos, e mais, morremos, a lógica estaria no fato de que necessariamente algo deveria sobreviver à decomposição dos corpos, ao que a grande questão de Hamlet, frente aos restos mortais de seu boboda-corte, o confronto com o grande vazio causado pela ausência de alguém por quem nutria afeto. Onde a alegria? Onde as brincadeiras? Onde o sorriso maroto e a gargalhada espontânea? O que era feito daquele homem, onde ele estaria? Afinal, a grande questão era ser – no sentido de estar, existir, ou não-ser, o vazio, a vacuidade extravasada do silêncio de uma presença-ausência?

Essas grandes incógnitas sempre alimentaram o imaginário humano. As culturas místicas da

Antiguidade criaram lugares pós-morte onde o sofrimento daquele que pecava era feito de fogo e lavas de um vulcão em permanente erupção, que o catolicismo ampliou como um lugar de estada eterna, sob a natural influência do maniqueísmo. Com o tempo, o desejo de livramento das dores eternas criou o purgatório e finalmente o paraíso, ambos fictícios, já que o tempo revelou ao ser humano que estes são *estados de alma* e não lugares físicos onde a alma viria a habitar permanentemente.

A Filosofia sempre buscou respostas racionais para o problema da morte. Contudo, as escolas existencialistas jamais pensaram numa possibilidade de sobrevivência após a morte, encarada como fim de tudo. Muito menos na origem da consciência, alma, razão ou espírito, já que, criada com a gestação carnal, com ele, corpo, morreria sem deixar rastros, a não ser restos decompostos.

Somente a Filosofia Espírita poderia preencher essa incógnita-lacuna milenar, quando, com base nas pesquisas criteriosas e rigorosas de um novo, novíssimo método investigativo, Allan Kardec revelaria ao mundo que o Ser é, jamais poderia não-Ser, já que conservava a sua individualidade, sua personalidade, seu caráter, suas conquistas intelectuais, todos íntegros mesmo após a morte.

Contudo, esse conhecimento, apesar de ser a maior revelação que o mundo poderia ter recebido,

ainda era insuficiente para fazer do homem um ser portador de sentimentos de plenitude existencial, que o vulgo traduz como felicidade.

Allan Kardec então, volta-se para os ensinamentos de Jesus de Nazaré, e compõe um dos mais eloquentes Evangelhos, pois baseado nas palavras e ensinamentos morais do Mestre. E mais, recebe a companhia de antigos cristãos que com a delicadeza e a firmeza de bons educadores, realçaram aqueles ensinamentos, decodificando-os numa linguagem pertinente à evolução intelectual alcançada pela humanidade, tornando-os claros, objetivos, e mais, trouxeram de volta, juntamente com as reflexões de Allan Kardec, a verdadeira imagem-Verdade de Jesus, despidido da mitologia das igrejas, claro e límpido e acessível a todos nós.

O seu é o Amor plenificado nos milênios de evolução, participe da obra do Pai, Espírito Puro e exemplo a ser seguido, pois é Caminho, Verdade e Vida.

Sônia Theodoro da Silva

Filósofa

